



A Constituição do sujeito em J. Habermas e J. Piaget: uma perspectiva interdisciplinar

The Process the subject constitution in J. Habermas and J. Piaget: an interdisciplinary perspective

Pedro Arturo Rojas Arenas*

Resumo

HABERMAS (1983) estabelece uma homologia entre a teoria do desenvolvimento cognitivo e psíquico do ser humano, de J. Piaget, e o desenvolvimento da sociedade. Segundo Habermas, o processo de descentralização do eu, presente na teoria dos estágios evolutivos de Piaget, teriam um equivalente no processo civilizatório, isto é: a sensibilidade e racionalidade apresentam um processo crescente, ampliando sua área de ação para formas sociais cada vez mais abrangentes: a família, a tribo, a cidade, a nação. Finalmente, atingiria uma forma universal. Nesse aspecto, o pensamento de Habermas resulta atual e heurísticamente relevante na leitura da sociedade contemporânea enquanto que outros autores da teoria sociológica clássica apresentam limitações evidentes.

Palavras-chave: Constituição do sujeito. Psicogênese. Sociogênese. Sociedade global. Cidadania mundial.

Abstract

HABERMAS (1983) establishes a homology between the theory of cognitive and psychological development of the human being of J. Piaget and the development of society. According to Habermas, the decentralization process I present the theory of evolutionary stages of Piaget, would have an equivalent in the civilizing process. In other words, sensitivity and rationality have a growing process, expanding its area of action for social forms increasingly comprehensive, family, tribe, city, nation; finally reach a universal way. In this aspect Habermas's thinking is current and heuristically relevant in reading contemporary society, although other authors of classical sociological theory have obvious limitations.

Keywords: Constitution of the subject. Psychogenesis. Sociogenesis. Global society. World citizenship.

Introdução

A escrita do presente texto, teve uma gênese singular que me levou a considerar alguns autores contemporâneos que, aparentemente, não tem uma conexão explícita com J. Piaget e J. Habermas. Entre os novos autores revisitados, quero destacar Boaventura de Sousa SANTOS (2006), Norbert ELIAS (1995), Pierre BOURDIEU (1998) e Jacques DELORS (2003). Tem sido também um processo enriquecedor com respeito ao conhecimento do próprio Jürgen Habermas (1983) pois, no início seu livro *Para a reconstrução do materialismo histórico*, era a referência principal que fundamentava minha reflexão. No entanto, rever sua original obra *“Teoria da ação comunicativa”* e, posteriormente, seu texto *“Conhecimento e interesse”*, ampliaram a minha compreensão do autor, o reconhecimento de sua relevância e atualidade¹.

* PEDRO ARTURO ROJAS ARENAS, Sociólogo da Universidad Nacional de Colombia. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC Prof. Adjunto III DCSP UERN. Membro Individual da Federação Mundial de Estudos do Futuro – WFSF, Capítulo Ibero-americano; da Asociación Latinoamericana de Sociología Rural – ALASRU e da Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS. Contato: rojaspe99@hotmail.com / arturoarenas@uern.br

¹ O autor do presente artigo desconhece a reformulação da proposta teórica que J. HABERMAS divulgou em 1999 com o título: *“Verdade e Justificativa”* DE OLIVEIRA (2012).

O presente artigo se subdivide em cinco momentos ou subtemas que, a meu ver, ajudam a realizar uma leitura proveitosa e feliz.

1. O novo paradigma de Boaventura de S. Santos e a importância de repensar o mundo.
2. Convite para uma reflexão sobre a sociedade contemporânea.
3. O processo de constituição do sujeito em J. Habermas e J. Piaget.
4. O processo de constituição do sujeito em autores modernos e contemporâneos.
5. Alguns paradoxos no processo de constituição do sujeito na sociedade atual

As considerações finais incluem uma apreciação do valor heurístico da obra de Habermas na leitura da sociedade contemporânea, a enumeração de algumas perspectivas teóricas excluídas neste texto, uma brevíssima reflexão epistemológica a partir da ideia do físico polonês Jacob BRONOWSKI, e, finalmente, uma proposta de ampliação do novo paradigma apresentado por Boaventura de Sousa Santos. Esta última pode parecer audaciosa demais para alguns leitores, mas confio na capacidade que todos nós temos de participar criativamente na construção de um discurso mais abrangente e, no entanto, sempre inacabado.

1 O Novo paradigma de boaventura de Sousa Santos e a importância de repensar o mundo

“Repensar o mundo é mudar o mundo”² foi a frase que um aluno do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE) escreveu no quadro branco no segundo período acadêmico do ano 2002. Lecionava a disciplina Sociologia da América Latina. No estudo do processo de formação das nações latino-americanas tomamos como referência básica os livros de dois reconhecidos autores: Carlos Fuentes e Eduardo Galeano. Respectivamente as obras: *O espelho enterrado* e *As veias abertas da América Latina*.

Esta ideia poderia ser considerada pelos céticos como ingênua, mas meu contato com o pensamento de Edgar MORIN, através da leitura do livro: *Ciência com consciência*, realizada entre os anos de 2007 e 2008, no grupo de pesquisa do Pensamento Complexo, coordenado pelo professor doutor Ailton Siqueira, do Departamento de Ciências Sociais e Política da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte -UERN me permitiu compreender que “um novo sistema de pensamento pode, sem, contribuir significativamente à mudança social”.³ Posteriormente, lecionei a disciplina Seminário de Monografia para estudantes do sétimo período do curso de Ciências Sociais da mesma Universidade e, num texto de minha autoria, intitulado *As dimensões do ser e as dimensões do saber*, tive a ousadia de afirmar que as dimensões do ser e as dimensões do saber eram semelhantes porquanto o saber se constitui como ser, isto é, como parte do ser.

Na época já tinha alcançado uma melhor compreensão de uma das ideias seminais de G. F. Hegel na obra *Ciência da lógica*, na qual ele afirma que, se a determinações ou qualidades do *ser* nos permite nomeá-los de forma diferente, é nas relações entre eles que o ser se constitui como tal. Somente tive de acrescentar, assimilando de forma particular, o pensamento de E. MORIN e, em certa medida, também de F. Capra o fato de que o discurso sobre a realidade também a constitui.

Finalmente, graças às conversas significativas com meus colegas do DCSP, tive o privilégio de ler o texto de Boaventura de Sousa Santos intitulado: *Um discurso sobre as ciências*. Nele, SANTOS (2006) menciona os quatro elementos que constituem o que ele chama de “novo paradigma das ciências”. Esses princípios são bem conhecidos no mundo acadêmico, mas vale a pena lembrá-los para irmos além deles, sem questionar a relevância e atualidade do pensamento do autor. Vejamos:

1. Todo conhecimento é autoconhecimento.
2. Todo conhecimento científico natural é histórico social.
3. Todo conhecimento científico visa tornar-se senso comum.
4. Todo conhecimento local pode atingir o patamar de ser considerado global.

² Naquela época já conhecia o documentário de J. Arthur Baker “O poder da visão positiva do futuro” e a afirmação de um dos livros do Antigo Testamento: “*Conforme o homem pensa, assim será sua vida.*”

³ “Não haverá transformação sem reforma do pensamento, ou seja, revolução nas estruturas do próprio pensamento. O pensamento deve tornar-se complexo” MORIN (2005 pág. 10).

2 Convite a uma reflexão sobre a sociedade contemporânea

Herbert de Souza, o “Betinho”, conhecido sociólogo brasileiro, expressa o desafio e a oportunidade da sociedade contemporânea nestas palavras:

“O resultado dos últimos cem anos de experiência nos obriga a rever radicalmente tudo: mercado, estado, sociedade e suas relações. Nos obriga a interpelar todas as teorias, instituições e estratégias a luz de uma questão simples, elementar, central e decisiva: como construir uma sociedade planetária, igualitária, participativa e solidária que seja capaz de colocar no centro de sua dinâmica o atendimento das necessidades básicas de todo ser humano, independentemente de gênero, etnia, sexo ou idade? Como colocar o desenvolvimento humano no centro de todas as ações de todos os seres humanos e suas instituições; como gerar a cultura mundial do desenvolvimento humano? (SOUZA, 1994 p. 45).

A afirmação de Betinho convida-nos a refletir de forma radical, além de qualquer especificidade local, regional ou nacional. Ela nos leva a reconhecer a universalidade contida em cada localidade ou nação, confrontando-nos com a uni-dualidade do local e do universal. O reconhecimento dessa realidade, desse novo cenário social, nos leva a pensar, também, em um novo sujeito histórico. Sujeito que se afirma plenamente no exercício da cidadania mundial.

As experiências mais recentes de criação de blocos de nações e a própria experiência da Organização das Nações Unidas (ONU) constituem parte de uma tendência geral que levaria à constituição de um estado mundial, paralelo ao desenvolvimento de uma sociedade civil, também de caráter mundial.⁴

Alguns indícios antecipam o percurso que a humanidade deve seguir no seu inesgotável processo de desenvolvimento e renovação, em que os estados nacionais são enquadrados em um novo contexto: os blocos regionais de nações a médio prazo, e o estado mundial, a longo prazo.

De forma similar como os estados nacionais, desenvolveram-se na Europa do renascimento constituindo diversos projetos de nações, tais como Inglaterra, França, Holanda, Itália e Alemanha. A humanidade, hoje, intui com certo grau de dificuldade a necessidade de uma comunidade de nações autônomas, com uma língua auxiliar universal, um sistema legislativo e judiciário, assim como um executivo global.

Nesse contexto, como já foi mencionado anteriormente, a ONU, apesar de suas limitações atuais, representa, através de seus diversos organismos, um importante processo de desenvolvimento de instituições políticas, culturais e de solidariedade que antecipam, de forma embrionária, associações e formas de governo correspondentes a um Civitas Universal.⁵

A percepção da nova situação gerada na pós-modernidade está além da ortodoxia do materialismo histórico e do estrutural funcionalismo na sociologia contemporânea. Somente uma nova e inspiradora visão permite compreender o desenvolvimento da sociedade humana de forma holística. Esta nova visão entende a história dos processos econômicos, políticos e militares, tão característicos na época da formação das nações, como parte integrante da evolução do espírito humano, no processo geral de *planetização*⁶ da vida social. A consideração de tão importante e complexo assunto não esquece, de modo algum, as dificuldades e obstáculos neste longo caminho de unificação da humanidade.

O racismo, o excesso de nacionalismo, a injustiça social no relacionamento internacional e no interior de cada país, a carência de uma língua auxiliar universal, o fanatismo religioso e o atraso cultural de milhões de seres humanos que vivem na pobreza, além da discriminação de gênero, constituem as dificuldades mais evidentes. Contudo, para além das dificuldades assinaladas, no começo do século XXI já vislumbramos uma nova ordem social que se desenrolará plenamente no futuro. Temos o privilégio singular de assistir ao começo de uma nova primavera na história da

⁴ Uma excelente apresentação desta temática encontra-se no livro do sociólogo brasileiro Renato ORTIZ: “Mundialização e Cultura”. São Paulo: Brasiliense, 1998. Outros autores tratam do mesmo assunto -de forma menos sistemática- não entanto relevante, entre eles: WARE (1982); KING (1991); BRONOWSKI (1992); NAISBITT (1994); CAPRA (1995); HOFMAN (2001); FRIEDMAN (2007); SANTOS (2013). Uma apresentação audaciosa e comovente sobre o assunto encontra-se no link <http://thrivemovement.com>

⁵ EFFENDI (1973) citando Bahá u lláh, afirma: “...no os mireis como extraños los unos a los otros....Sois los frutos de um sólo árbol y lashojas de una misma rama....La tierra es un solo país y lahumanidad, sus ciudadanos....Que ningún hombre se glorie de que ama a su pátria; que más bien se glorie de que ama a sus semejantes”.

⁶ ORTIZ (1998) Procura estabelecer a diferença entre os seguintes conceitos: Internacionalização; globalização e mundialização. Segundo Renato Ortiz a internacionalização revela um processo de expansão comercial -própria do colonialismo- A globalização é uma nova organização econômica do mundo a partir das corporações e, finalmente, a mundialização é entendida como a expressão cultural dum processo que pretende tornar-se- padrão mundial no que diz respeito ao estilo de vida. Já, o conceito planetização é usado por diversos autores num sentido mais genérico, como um processo totalizante que inclui a sociedade civil e o estado ao nível mundial.

sociedade humana. Sobre este importante assunto, Vernaskiv, citado por E. MORIN no início do capítulo IV de seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, afirma:

Pela primeira vez, o homem compreendeu realmente que é um habitante do planeta e, talvez, deva pensar e agir sob novo aspecto, não somente como indivíduo, família ou gênero, estado ou grupo de estados, mas também sob o aspecto planetário (MORIN, 2001, p. 64).

3 O Processo de constituição do sujeito em J. Habermas e J. Piaget

O caminho que percorre o desenvolvimento dos paradigmas sociológicos reflete os avanços societários e científicos mais recentes. Jürgen Habermas, da Escola de Frankfurt, representa⁷ o esforço mais sistemático e rigoroso para estabelecer um patamar sólido do que poderia se chamar de *sociologia interdisciplinar*. A teoria crítica da sociedade em Habermas incorpora tanto o conhecimento ou diagnóstico da sociedade contemporânea como seu plano de transformação terapêutica, em nível cultural e sistêmico, do estrutural e da personalidade. Habermas incorpora em seu discurso elementos dos clássicos da sociologia Durkheim, Marx, Weber, e da psicologia de J. Piaget.

Na obra: *Para a reconstrução do materialismo histórico*, Habermas (1983) revisita a teoria marxista da sociedade moderna tentando transcender as suas limitações. Segundo ele, Karl Marx deixa de lado o problema ético ou da normatividade considerando que ela – a normatividade- é um resultado natural do desenvolvimento material da sociedade. Vejamos:

Se insisto em tal temática, apesar de seu grau ainda insuficiente de explicitação, é porque estou convencido de que as estruturas normativas não seguem simplesmente a linha de desenvolvimento do processo de produção, mas têm ao contrário uma história interna

Segundo o autor, K. Marx entra no jogo da *racionalidade instrumental* - sistêmica - característica da ciência moderna. A compreensão da sociedade moderna representada pelo marxismo carece, portanto, de um desenvolvimento da questão ética. Segundo Habermas, *o mundo vivido* formado na *inter-subjetividade*, que ele chama de *racionalidade comunicativa*, tem certa autonomia e leis próprias que lhe permitem agir sobre o sistema e o mundo do trabalho, representado pela *racionalidade instrumental*.

Habermas (1983) apoia-se em Jean Piaget para elaborar uma teoria da evolução social. Ele estabelece uma homologia entre a teoria do desenvolvimento cognitivo e psíquico do ser humano – *psicogênese* - de Jean Piaget⁸ e o desenvolvimento da sociedade.

Tabela I - Processo de desenvolvimento emocional e cognitivo da criança segundo Jean Piaget

IDADE	0-2 anos	3-5 anos	6-10 anos	11 e más anos
Desenvolvimento Emocional (Psicogênese)	Simbiótico	Egocêntrico	Socio-cêntrico	Universalista
Processo de Desenvolvimento Cognitivo	SensórioMotor	Pré-operacional: Desenvolvimento da Linguagem	Operações concretas	Operações abstratas

Segundo Habermas, o *processo de descentralização do eu*⁹, presente na teoria dos estágios evolutivos de Piaget teria um equivalente no processo civilizatório, isto é, a sensibilidade e racionalidade apresentam um processo crescente, ampliando sua área de ação para formas sociais cada vez mais abrangentes: a família, a tribo, a cidade, a

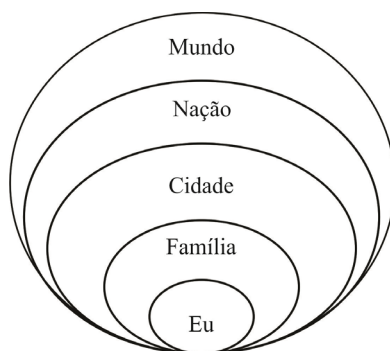
⁷ A Escola de Frankfurt foi liderada por Theodor Adorno (1903-199) e Max Horkheimer (1983-1973) Autores da obra: "Dialética do esclarecimento" (1947).

⁸ Segundo Piaget, a psicogênese humana faz um percurso consecutivo por quatro estágios de desenvolvimento emocional: simbiótico, egocêntrico, sociocêntrico e universalista. Percurso que é acompanhado de um processo paralelo de desenvolvimento cognitivo: sensório motor; pré-operacional; operações concretas; operações abstratas. Jean Piaget (1896-1980) foi biólogo e dedicou a vida a submeter à observação científica rigorosa o processo de aquisição de conhecimento da criança; do estudo das concepções infantis de tempo, espaço, causalidade física, movimento e velocidade, Piaget criou um campo de investigação que denominou epistemologia genética - isto é, uma teoria do conhecimento centrada no desenvolvimento natural da criança.

⁹ "Essas rápidas observações querem apenas sugerir a fecundidade heurística da suposição de que existem analogias entre as estruturas do Eu e as das imagens do mundo: em ambas as dimensões, o desenvolvimento leva evidentemente a um descentralização progressivo do sistema de interpretação e a uma delimitação cada vez mais unívoca da subjetividade da natureza interior em face da objetividade da natureza externa, bem como á delimitação da normatividade da realidade social a da intersubjetividade da realidade linguística". HABERMAS (1983).

nação, e, finalmente, atingiria uma forma universal. Um novo estado, talvez, de caráter multinacional, e finalmente mundial, seria estabelecido como resultado desse processo.

Figura 1 - Processo de descentralização do Eu segundo J. Piaget



Na teoria da ação comunicativa, considerada seu maior aporte à teoria sociológica a partir da análise da linguagem, Habermas desenvolve o conceito de *racionalidade comunicativa* como aspecto fundamental no processo de constituição do sujeito. A racionalidade comunicativa é construída a partir da *inter-subjetividade* dos sujeitos, resultado das “*experiências vividas*”.

As experiências vividas pressupõem a construção de uma linguagem que permite estabelecer regras de leitura da fala e do discurso com o qual pode ser atingido o consenso¹⁰.

Esta racionalidade se contrapõe à *racionalidade instrumental*, que representa os interesses da economia e do sistema político ou estado (DE OLIVEIRA, 2001). Segundo Habermas, na sociedade primitiva o *mundo vivido* predominava sobre o *sistema* e os problemas econômicos e políticos eram organizados e orientados pela racionalidade normativa dos mitos e crenças, pelos valores surgidos no mundo da interação.

Figura 2 - Predomínio do sistema sobre o mundo vivido segundo J. Habermas



Na sociedade moderna, pelo contrário, o *sistema* predomina sobre o *mundo normativo* ou da interação do ser humano. Em consequência, o ser humano é alienado e empobrecido pela *racionalidade instrumental*. Trata-se então, de restabelecer o equilíbrio entre o sistema e o mundo vivido. Para Habermas, a atual crise social resulta de uma excessiva presença da racionalidade instrumental na vida individual e coletiva.

Cabe à sociologia, fazer o diagnóstico da sociedade moderna identificando as patologias ou crises estruturais e da personalidade do capitalismo contemporâneo. Torna-se necessário desenvolver uma terapia social e um plano estratégico de mudanças estruturais que completem e harmonizem as relações inadequadas entre racionalidade instrumental e racionalidade comunicativa, entre sistema e mundo vivido.

¹⁰ A teoria da ação comunicativa avança para um diálogo ideal no qual os diversos discursos poderiam expressar-se transparentemente na procura do consenso que fundaria uma nova epistemologia da normatividade. O Mundo normativo resultaria da ação comunicativa através do consenso, uma vez, eliminadas as interferências na comunicação intersubjetiva. Ao contrário do agir racional com relação aos fins, o agir comunicativo orientasse, entre outras coisas, no sentido do respeito de normas intersubjetivamente válidas. DE OLIVEIRA (2001).

4 Os Processos de Constituição do Sujeito segundo autores Modernos e Contemporâneos

Os clássicos da Sociologia

Para iniciar, considero oportuno esclarecer que o sentido dado em este texto à expressão *constituição do sujeito*, tem um viés histórico-social e, portanto, falarei dos *processos de construção do sujeito* não num sentido geral, mas de um sujeito historicamente determinado, isto é, o protagonista da sociedade contemporânea. Sociedade por alguns autores chamada “*pós-moderna ou pós-industrial*” e, por outros de *sociedade em rede ou sociedade global*.

Ao considerar o discurso dos clássicos e contemporâneos da teoria sociológica, assumo que a relação *indivíduo-sociedade* se entende também como a relação do *sujeito e sociedade*, no sentido de que o indivíduo é assumido como um sujeito histórico e social¹¹.

No século XIX, a consolidação do sistema de produção capitalista e suas expressões sociais, políticas e culturais na Europa irá fornecer os elementos que servirão de base para o surgimento da sociologia como ciência. Émile Durkheim (1858-1917) desenvolveu sua obra num cenário de grande crise na França. Basta lembrar a Guerra Franco-Prussiana e o aniquilamento da Comuna de Paris (1870-1871). Esse é um período em que a miséria e o desemprego andavam lado a lado com o grande progresso tecnológico e o crescimento da produção industrial na Europa, ocasionando o fortalecimento de associações e organizações dos trabalhadores, bem como a eclosão de greves e o aguçamento das lutas sociais. A preocupação de Émile Durkheim é com a *ordem social*. TOMAZI (1993).

O elemento básico para Durkheim, a integração social, aparece na sua obra através do conceito de *solidariedade*, que permite a articulação funcional de todos os elementos da sociedade. Para o sociólogo francês, a sociedade prevalece sobre o indivíduo. Homologando o conceito de *indivíduo* ao conceito de *sujeito*, teremos a transliteração de que o sujeito é moldado pela sociedade.

A sociedade constitui o indivíduo. A sociedade é, para este autor, um conjunto de normas de ação, pensamento e sentimento que não existem apenas nas consciências dos indivíduos, mas que são construídas exteriormente, isto é, fora das consciências dos indivíduos. Em outras palavras, na vida em sociedade, o indivíduo se defronta com regras de conduta que não foram diretamente criadas por ele, mas que existem e são aceitas na vida em sociedade, devendo ser seguidas por todos os indivíduos que a constituem. TOMAZI (1993).

Seguindo esse raciocínio, Durkheim afirma que os *fatos sociais* - objeto de estudo da sociologia - são justamente essas regras e normas coletivas que orientam a vida dos indivíduos em sociedade. Tais fatos sociais são diferentes dos fatos estudados por outras ciências por terem origem na sociedade e não na natureza. Esses fatos sociais têm duas características básicas que permitirão sua identificação na realidade: são *exteriores e coercitivos*.

Outro conceito importante para Durkheim é o de *instituição*. Para ele, uma instituição é um conjunto de normas e regras de vida que se consolidam fora dos sujeitos e que as gerações transmitem umas às outras. A família, a igreja, o exército, a escola e a empresa são exemplos dessas múltiplas instituições. Assim, para Durkheim, é a sociedade, como coletividade, que organiza, condiciona e controla as ações dos indivíduos. As instituições socializam os indivíduos, fazem com que eles assimilem as regras e normas necessárias à vida comum. TOMAZI (1993).

Enquanto para Durkheim a ênfase da análise recai na sociedade, para o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) a análise estará entrada nos atores e em suas ações:

Para Weber, a sociedade não seria algo exterior e superior aos indivíduos, como Durkheim. Para ele, a sociedade pode ser compreendida a partir do conjunto das ações individuais reciprocamente referidas. Por isso, Weber define como objeto da sociologia a ação social. (TOMAZI, 1993).

Assim, Weber dirá que toda vez que se estabelecer uma relação significativa, isto é: algum tipo de sentido entre várias ações sociais, teremos, então, relações sociais. Só existe ação social quando o indivíduo tenta estabelecer algum tipo de comunicação a partir de suas ações com os demais. Nem toda ação, desse ponto de vista, será social, mas apenas aquelas que impliquem alguma orientação significativa visando outros indivíduos. Weber estabelece quatro tipos de ação social: a) tradicional; b) afetiva; c) racional com relação a valores e d) racional com relação a fins.

¹¹ A expressão sujeito histórico foi objeto de duas teses fundamentais ao longo da história: a tese individualista e a tese grupal. O indivíduo como sujeito é a tese tradicional... A história é uma soma de vontades individuais e livres. Existem circunstâncias que modelam o desenvolvimento dessas vontades, mas são sem dúvida as personalidades mais notáveis que marcam os rumos históricos. O grupo como sujeito: a partir de certa versão do marxismo viu-se nas classes sociais -principalmente na classe proletária- a condição de sujeito histórico. FGV (1986).

Tanto na conceituação da ação social como na definição de seus diferentes tipos, podemos perceber que Weber não analisa as regras e normas sociais como exteriores aos indivíduos. Pelo contrário, as normas e regras sociais são o resultado do conjunto de ações individuais, sendo que os agentes escolhem, o tempo todo, diferentes formas de conduta. As ideias coletivas, como o Estado, o mercado econômico e as religiões, só existem porque muitos indivíduos orientam reciprocamente suas ações num determinado sentido. Estabelecem, dessa forma, relações sociais que tem de ser mantidas continuamente pelas ações individuais.

O pensador Karl Marx (1818-1883) também contribui para discussão da relação entre indivíduo e sociedade. Diferentemente de Durkheim e Weber, considerava que não se pode pensar a relação indivíduo e sociedade de maneira separada das condições materiais em que essa relação se sustenta. Para ele, as condições materiais de toda a sociedade condicionam as demais relações sociais. Por isso, o estudo de qualquer sociedade deveria partir justamente das relações sociais que os homens estabelecem entre si para utilizarem os meios de produção e transformarem a natureza. TOMAZI (1993).

Figura 3 - Predomínio das forças produtivas sobre a sociedade segundo K. Marx.



Essas relações sociais de produção são a base que condiciona todo o resto da sociedade. Para Marx, portanto, a produção é a raiz de toda a estrutura social¹². Mas seu objetivo maior não era elaborar uma teoria geral sobre a sociedade, e sim estudar a sociedade de seu tempo, a sociedade capitalista. Segundo Marx, na sociedade capitalista as relações sociais de produção definem dois grandes grupos dentro da sociedade: de um lado, os *capitalistas*, que são aquelas pessoas ou sujeitos que possuem os meios de produção (máquinas, ferramentas, capital, etc.), necessários para transformar a natureza e produzir mercadorias; e, do outro, os trabalhadores, também chamados, no seu conjunto, na época de Marx como *proletariado*, aqueles que nada possuem a não ser o seu corpo e sua disposição para trabalhar....

A produção da sociedade capitalista só se realiza porque capitalistas e trabalhadores entram em relação. Esse tipo de relação entre capitalistas e trabalhadores leva à exploração do trabalhador pelo capitalista. Por isso, Marx considerava que havia um permanente conflito entre essas duas classes enquanto *sujeitos históricos*. TOMAZI (1993).

Assim, o conceito de classe em Marx estabelece um grupo de indivíduos que ocupam uma mesma posição nas relações de produção em determinada sociedade. A classe a que pertencemos condiciona, de maneira decisiva, nossa atuação social. É principalmente a situação de classe que condiciona a existência do indivíduo e sua relação com o resto da sociedade.

Para encerrar a breve apresentação desses importantes autores da sociologia clássica, quero retomar às conclusões de J. Habermas no livro *Conhecimento ou interesse*. Segundo Habermas (2014), o tipo de interpretação sociológica característica da escola funcionalista representada por Durkheim procura o *controle social*, diferenciando-se da perspectiva weberiana que busca a *compreensão da ação social dos indivíduos* e também do marxismo, que têm um interesse *emancipatório*, isto é, fornecer elementos conceituais que permitirão levar avante um processo de emancipação dos sujeitos.

¹² “O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de fio condutor aos meus estudos pode ser formulado em poucas palavras: na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e a qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas ao contrário, é seu ser social que determina sua consciência. Numa certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou o que nada mais é do que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais aquelas até então se tinham movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas estas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevive então uma época de revolução social. Com a transformação da base econômica, toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez”. (MARX, K. *Para a crítica da economia política*. In: Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores, p. 129). Citado por TOMAZI (1993).

PAULO FREIRE E EDGAR MORIN

Paulo Freire é mais conhecido como um teórico da filosofia da educação, porém seu sistema pedagógico inspira-se num horizonte ontológico de emancipação através do diálogo com os outros homens, diálogo mediado pelo mundo.

O ser humano é entendido como sujeito da história, como um “devir”, e não simplesmente como objeto passivo do fazer de outros. No pensamento de Paulo Freire, o ser humano é “um ser inconcluso consciente de sua inconclusão e com vocação ontológica de ser mais”. Freire acrescenta que “o ser humano é, por excelência, um ser da ação e da reflexão”.

No pensamento de Edgar MORIN, “o ser humano é uma síntese complexa de múltiplas uni-dualidades: homo faber/homo luddens, homo sapiens/homo demens”. O conceito de uni-dualidade se expressa claramente na seguinte máxima: “o ser humano é, ao mesmo tempo, plenamente biológico e plenamente cultural”¹³.

No livro: “*Os Sete saberes...*”, MORIN aprofunda os diversos aspectos da condição humana na sociedade contemporânea, particularmente, sua idéia sobre a consciência planetária¹⁴. De outra parte ilumina a reflexão sobre as limitações do saber humano no título *As cegueiras do conhecimento*. Uma apresentação singular de MORIN (2005) no que diz respeito a uma visão cósmica do sujeito encontra-se no item 9: “*Computo ergo sum*” - a noção do sujeito - na segunda parte de seu livro: *Ciência com consciência*.¹⁵ Em minha opinião, Freire e Morin podem ser considerados legítimos herdeiros da filosofia *hegeliana* que se expressa no seguinte axioma: “*O que importa não são as determinações - ou qualidades- do ser, mas suas relações*” (HEGEL, 1968).

NORBERT ELIAS E PIERRE BOURDIEU

Norbert Elias (1897-1990) rejeita a dicotomia indivíduo *versus* sociedade, entendendo que ambos são produzidos pelas constantes interações individuais em complexas estruturas de redes sociais. Em: *O processo civilizatório* (1994-1995) argumenta que a emergência da civilização ocidental europeia foi resultado da longa interação entre indivíduos em redes sociais que impuseram padrões de autocontrole nos comportamentos sexuais, na guerra, à mesa, etc. Em outras palavras, novas *figurações* sociais emergem da interação entre a dinâmica psicológica (o sentimento de vergonha e repugnância em relação à hábitos *bárbaros*) e a dinâmica social (explicitada nas noções de refinamento e civilização). Segundo Norbert Elias, os processos históricos ocorrem por meio da interação entre as transformações no comportamento humano e nas estruturas de personalidade dos indivíduos (psicogênese) e a emergência de teorias do desenvolvimento social, do desenvolvimento do estado e das nações (a sociogênese).

BOURDIEU (1930-2002) enfrentou a dicotomia subjetivismo *versus* objetivismo com uma abordagem denominada construtivista estruturalista. Reconhece que a ação social é estrangida ou condicionada por estruturas sociais; estas, não entanto, são construídas socialmente.

A ação social é estruturada por campos e os agentes são orientados/coagidos pelos *habitus* incorporados ao longo de sua trajetória de vida. Alguns dos conceitos que ampliam o campo da reflexão da ação social dos sujeitos estão relacionados com o que o autor chama de *capital simbólico/cultural*. Para BOURDIEU (1998), a realidade se constrói na luta das diversas interpretações, no mundo simbólico -da linguagem- O sociólogo teria a função de revelar o significado ou interesses ocultos nas diversas representações. O cientista social ao ter um patrimônio simbólico considerável poderia tentar mudar o jogo no mundo das representações, contribuindo para a transformação da sociedade.¹⁶

J. DELORS

Ao iniciar presente artigo, não pretendia considerar a obra mais conhecida de Jacques DELORS (2003), “Educação: um tesouro a descobrir”, mas terminei por aceitar que era pertinente tentar estabelecer uma ponte com o pensamento de J. Habermas .

¹³ “O humano é um ser a um tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a uni-dualidade originária”. MORIN (2001 pág. 52)

¹⁴ “Podemos, porém, explicitar nossa finalidade: a busca da hominização na humanização, pelo acesso à dadia terrena. Por uma comunidade planetária organizada...” MORIN (2001 pág. 115)

¹⁵ “O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo” MORIN (2001 pág. 57).

¹⁶ O sociólogo opõe-se ao diletante (técnico da opinião que se julga cientista) na medida em que põe em questão evidências” BORDIEU, Pierre. *Contrafogos*. Oeiras (Portugal): Celta, 1988.

A contribuição de Delors, particularmente o capítulo IV intitulado Os quatro pilares da educação, é inestimável. Sem dúvida nenhuma, *aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser* fazem parte de um processo mais abrangente de constituição de sujeitos bem-sucedidos em um mundo cada vez mais complexo, interligado e dinâmico.

Essas quatro competências podem ser formuladas como níveis que constituem o sujeito, da seguinte forma:

Nível conceitual e científico

Nível experimental e técnico

Nível emocional, ético e estético

Nível de gestão e consulta

Os dois primeiros níveis fazem referência às dimensões teórica e prática no processo de construção e reconstrução do conhecimento, ou seja, ao domínio dos elementos conceituais dos sistemas científicos e à capacidade de operacionalização desses conhecimentos teóricos em práticas eficazes no campo experimental. O nível das competências operacionais compreende também o domínio dos processos e técnicas de pesquisa em cada área particular das diferentes disciplinas. Aliás, essa convergência criadora da teoria e da prática, através da pesquisa, constitui-se o patamar do desenvolvimento de tecnologias que podem ser apropriadas pelos indivíduos, grupos sociais e comunidades ou mesmo sociedades mais complexas.

O nível ético faz referência ao desenvolvimento de valores humanos que garantem a integridade profissional, tais como: veracidade, confiabilidade, imparcialidade, equidade, cortesia, sacrifício, amor e serviço à humanidade, a busca da excelência no trabalho e a eliminação de qualquer preconceito de raça, nacionalidade, sexo, crença religiosa ou ideias políticas. Por sua vez, o nível administrativo, de gestão e consulta busca promover o trabalho interdisciplinar e em grupo, desenvolver a capacidade de considerar os diversos problemas científicos num olhar holístico e treinar os sujeitos - futuros profissionais - na tomada de decisões através da consulta.

5 Alguns paradoxos no processo de constituição do sujeito na sociedade contemporânea

A leitura aqui apresentada seria inquestionavelmente limitada se não levasse em conta o reconhecimento de que coexistem múltiplos processos de constituição do sujeito na sociedade contemporânea. Esses múltiplos processos acontecem simultaneamente em uma determinada sociedade e, em muitos casos, podem ser divergentes e até antagônicos. Vejamos o caso das populações periféricas de grandes metrópoles como Rio de Janeiro ou Cidade de México, onde processos paralelos de constituição de sujeitos se desenvolvem na cidade, como as milícias de bairro e os narcotraficantes.

Em outra perspectiva, também podemos considerar as comunidades indígenas dum país como Brasil ou Colômbia, ou regiões que podem ser consideradas nações dentro de uma nação maior, como na Espanha: a Catalunha e o País Basco.

Pode acontecer que alguns sujeitos incorporem elementos de processos diferentes, uma espécie de miscigenação cultural, criando assim arranjos originais. Por tanto, devemos estar cientes que não existe um processo ideal ou de validade universal, mas múltiplos processos nesse grande caldeirão da sociedade contemporânea que EFFENDI (1973) engloba no princípio da *unidade na diversidade*.

Vejamos:

Lejos de tender a la subversión de los fundamentos actuales de la sociedad, trata de ampliar su base, de amoldar sus instituciones en consonancia con las necesidades de un mundo en constante cambio. No está en conflicto con compromisos legítimos ni socava los valores esenciales. Su propósito no es ni focalizar ni llamar a un sano e inteligente patriotismo en el corazón del hombre, ni abolir el sistema de autonomía nacional tan esencial cuando se busca evitar los males de un excesivo centralismo.

No ignora ni intenta suprimir la diversidad de orígenes étnicos, de climas, de historia, de idioma y de tradición, de pensamiento y de costumbres que distinguen a los pueblos y naciones del mundo. Insta a una lealtad más amplia, a un anhelo mayor que cualquiera que los que la raza humana ha sentido. Insiste en la subordinación de móviles e intereses nacionales a los imperativos reclamos de un mundo unificado. Repudia el centralismo excesivo por una parte, y rechaza todo intento de uniformidad por otra. Su consigna es "la unidad en la diversidad". (pág 22-23).

Com outras palavras, MORIN (2001) também reafirma este princípio¹⁷

¹⁷ "Os que veem a diversidade das culturas e tendem a minimizar ou ocultar a unidade humana; os que veem a unidade humana tendem a considerar como secundária a diversidade de culturas. Ao contrário, é apropriado conceber a unidade que assegure e favoreça a diversidade que se inscreve na unidade" MORIN (Os Sete saberes pág. 57).

Considerações finais

Se repensar o mundo nos levou a reconhecer um novo cenário, no qual age um novo sujeito histórico na sociedade contemporânea, certamente, a obra de Habermas nos fornece melhores elementos para uma interpretação abrangente do processo de mundialização em andamento.

Processo este em que as teorias da sociologia clássica enfrentam com certo grau de dificuldade, seja como resultado das limitações conceituais do paradigma prevalente, fundamentado na triada: a. processo crescente da racionalidade burocrática, b. constituição das nações e, c. no desenvolvimento das forças produtivas ou, no caso de alguns autores contemporâneos, por ressalvas epistemológicas que eles não têm esclarecido suficientemente.

Diversos e relevantes processos de constituição do sujeito são deixados de lado neste artigo, tais como: o genético, o psicológico, o jurídico, o religioso, o estético, etc. Também inúmeros autores, tais como Talcott PARSONS (1902-1979) e Robert K. MERTON (1910-2003), reconhecidos representantes da *teoria funcionalista*; Antonio GRAMSCI (1891-1937) e Louis ALTHUSSER (1918-1990), da *vertente marxista*; e George Herbert MEAD (1863-1931) e Ervin GOFFMAN (1922-1982), representantes do *Interacionismo simbólico*. Não menos importantes são Karl Mannheim (1893-1947) e Charles Wrigth MILLS (1916-1962) da *vertente weberiana*. Finalmente, Zygmunt BAUMAN (1925-2016), sem dúvida nenhuma, não pode ser ignorado.¹⁸

No que diz respeito a uma epistemologia do conhecimento, quero trazer à tona a reflexão do físico polonês Jacob BRONOWSKI (1992) para quem “o método do cientista é o método do artista” no sentido de que tudo texto é uma aproximação à apreensão cabal da realidade. Por isto, todo texto é um pré-texto, isto é, ele nunca está acabado, completo, também pelo fato de que ele pode revelar interesses do autor e refletir as influências do cenário social no qual é produzido.

Portanto, o novo paradigma científico de Boaventura de Sousa Santos pode ser reformulado de modo a considerar alguns novos elementos:

1. Todo conhecimento é autoconhecimento.
2. Todo conhecimento científico natural é científico social.
3. Todo conhecimento visa tornar-se senso comum.
4. Todo conhecimento local pode atingir o nível de conhecimento global.
5. Todo conhecimento da realidade a constitui.
6. Todo conhecimento expressa um nível de desconhecimento.
7. Todo conhecimento é apaixonado - pressupõe interesses.
8. Todo conhecimento incorpora o pensamento analítico e sintético.
9. Todo conhecimento pressupõe uma perspectiva metodológica e epistemológica.

Referências

- ARBAB, Farzam. *El proceso de transformación social*. Cali: FUNDAEC, 1986.
- ARENAS, Pedro Arturo Rojas. *Textos para um novo contexto*. Mossoró: Fund. Vingt-un Rosado, 2005.
- _____. *As dimensões do ser e as dimensões do saber*. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2006.
- ARAÚJO, Washington. *Quem está escrevendo o futuro?* Brasília: Letraviva, 2000.
- ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

¹⁸ O emérito sociólogo polonês Zygmunt Bauman nasceu no dia 19 de novembro de 1925, em Poznań. No início da década de 70 ele assumiu o cargo de professor titular da Universidade de Leeds e aí teve contato com o intelectual que inspiraria profundamente seu pensamento, o filósofo islandês Ji Caze. Os estudos sociológicos lhe permitem refletir sobre a angústia que reina nos sentimentos humanos, emoção despertada pela pressa de encontrar o parceiro perfeito, sempre mantido como meta ideal, nunca como realidade concreta. A insatisfação está, portanto, constantemente presente na esfera da afetividade humana. As pessoas desejam interagir, buscam a vivência do afeto, mas não querem se comprometer. É o que Bauman chama de *amor líquido*, vivenciado em um universo marcado pelos laços fluidos, que não permanecem, não se estreitam, desobedecem à lei da gravidade, ou seja, à ausência de peso. Bauman crê que os relacionamentos a dois não podem se desenrolar à parte da cena social, das regras do jogo estabelecidas pela sociedade global. Para o sociólogo, a fluidez dos vínculos, que marca a sociedade contemporânea, encontra-se inevitavelmente inserida nas próprias características da pós-modernidade.

- _____. *Da Revolução*. São Paulo: Ática e UNB, 1988.
- _____. *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.
- BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do mundo*. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2012.
- BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *Contrafogos*. Oeiras: Celta, 1988.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.
- BRONOWSKI, Jacob. *A escalada do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- CASTANEDA, Carlos. *Viaje a Ixtlán*. México: Fundo de Cultura Econômica, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *O fim do milênio: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 3 v.
- CENTRO MUNDIAL BAHAI. *Século de Luz*. Mogi Mirim, 2002.
- CHAUÍ, Marilena de Sousa. *Convite à Filosofia*. São Carlos: Ática, 2008.
- _____. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 1 v.
- COMUNIDADE INTERNACIONAL BAHAI. *A cidadania mundial: uma ética global para o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Bahaí, 1995.
- COTRIM, Gilberto. *História e consciência do mundo*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 2003.
- DE OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. *Antropologia Filosófica Contemporânea*. São Paulo: Paulus, 2012.
- DE SOUZA, Herbert de; RODRIGUEZ, C. *Ética e Cidadania*. São Paulo: Moderna, 1994.
- DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.
- _____. *Educação e Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- EFFENDI, Shogui. *La meta de un nuevo orden mundial*. Buenos Aires: Bahaí, 1973.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 1 vol.
- _____. *O processo civilizador: a formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2 v.
- FERREIRO, Emília. *Atualidade de Jean Piaget*. São Paulo: Artmed, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- FRIEDMAN, Thomas. *O mundo é plano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: FGV, 1986.
- FUENTES, Carlos. *O espelho enterrado*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GERMANO, Marcelo Gomes. *Uma nova ciência e um novo senso comum*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HABERMAS, Jürgen. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. *Razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: 1989.
- _____. *Conhecimento e interesse*. São Paulo: UNESP, 2014.
- HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2003.

- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *La ciência de la lógica*. Buenos Aires: Ediciones Solar SA y Libreria Hachette, 1968.
- _____. *Filosofia da história*. 2. ed. Brasília: UnB, 2008.
- HOFMAN, David. *Renascimento da Civilização*. São Paulo: Bahaí, 2001.
- IANNI, Otávio (Org.). *Marx: sociologia*. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção grandes cientistas sociais, 10).
- _____. *Contribución a la Crítica de la Economía Política*. Medellín: Oveja Negra, 1968.
- _____; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global, 1988.
- JÍMENEZ, Jaime Eduardo Jaramillo. *Modernidad y posmodernidad en Latinoamérica*. Manizales: Imprenta Departamental, 1995.
- KING, Alexander. *The First Global Revolution*. New York: Pantheon Books, 1991.
- KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.
- _____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PARDO, Nicolás Boris Esguerra. La Lectura de la obra intelectual de Pierre Bourdieu. *Revista Colombiana de Sociología*, Bogotá, v. 7, n.1, 2002.
- _____. *Teoría Sociológica: ensayos (Comte, Durkheim, Sorel, Simmel, Merton, Bourdieu)*. Bogotá: Editora Universidad del Rosario, 2010.
- PERORARO, O. *Ética é justiça*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- PIAGET, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1980.
- _____. *Epistemologia genética*. São Paulo: Martins Fontes, [19--].
- PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2004.
- POPPER, Karl Raymond. *Lógica das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- RAWLS, J. A. *Theory of justice*. Cambridge: Mass, 1971.
- RICHTA, R. *La civilización en la encrucijada*. México: Siglo XXI, 1977.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção de Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAMPAIO, Inês Silvia Vitorino. *Habermas e o projeto das ciências sociais críticas*. Fortaleza: UFC/NEPS, 1994. (Série Estudos e Pesquisas, 27).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- SCHAEFER, Udo. *El dominio imperecedero*. Barcelona: Bahaí, 1988.
- TOMAZI, Nelson D. *Iniciação à Sociologia*. São Paulo: Atual, 1993.
- WARE, Caroline. *Historia de la Humanidad: el Siglo XX*. Barcelona: Planeta, 1982.
- WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, [19--?].
- _____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.
- _____. *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez e Unicamp, 1992.
- _____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.
- _____. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- ZEMAN, Zavis P. *Restructuring for the 21st Century. Papers de prospectiva*, Barcelona, n. 6, 1997.

Data de submissão: 15/03/2017

Data de aceite: 20/05/2017